



Educação sensível: um caminho entre Schiller e Rancière

POR ANA LUIZA SOUZA RIBEIRO

analuizasribeiro@gmail.com

A interação dos campos da Educação e da Estética tem produzido conhecimentos que apontam para a importância de se considerar os processos envolvidos a partir desta aprendizagem. Para tanto, tomamos como início a concepção do sujeito, segundo a qual é vista como indivíduo de direitos numa dimensão histórica, educacional, social, política e cultural.

Como as práticas escolares contribuem para a produção de sentidos na aprendizagem do indivíduo? Quais são os conhecimentos que os alunos mobilizam nas interações artísticas que ocorrem durante o processo de ensino? Qual o papel do educador na mediação de uma educação sensível? Como transformar o saber, de modo a torná-lo adequado ao desenvolvimento da educação estética? É possível o professor perceber as alternativas a partir dos questionamentos dos próprios alunos, do seu modo peculiar e único de fruir e se expressar, utilizar ações artístico-pedagógicas que de fato expande e aprofunda suas experiências com a arte de maneira a estimular sua imaginação, gerando novas formas de expressão e produção artístico-cultural destas? A educação estética possibilitará processos educativos que facilite e estimule a aprendizagem?

De tal maneira que, uma proposta educacional a partir da estética permitirá restaurar a conformidade entre os conhecimentos. Ainda, acreditamos que uma educação que reconheça o fundamento sensível, propiciando seu desenvolvimento, estará, por certo, tornando mais abrangente o conhecimento lógico e racional. É o que propõe o filósofo, dramaturgo, poeta Frederick Schiller, em seu livro *A educação estética do homem*¹, numa série de cartas. Nelas, Schiller aponta a arte como um elemento favorável à

¹Cartas publicadas na Revista Die Hören entre 1794 e 1795.



vivência, a assimilação do homem e a capacidade criativa em direção de uma consciência do eu, do outro e do meio. Nesta obra ele pensa com veemência sobre a necessidade de uma educação e desenvolvimento por duas dimensões fundamentais: a sensibilidade e a racionalidade, onde a natureza humana é vista como mista, ou seja, dotada de razão e sentidos. Mediado pela educação estética, o indivíduo poderá desenvolver tanto suas capacidades intelectuais quanto sensíveis, desta maneira, não há superioridade entre uma em relação à outra, a atuação de ambas são iguais.

Deste modo, segundo Schiller:

Vigiar e assegurar os limites a cada um dos dois impulsos é tarefa da cultura, que deve igual justiça aos dois e não busca afirmar apenas o impulso racional contra o sensível, mas também este contra aquele. Sua incumbência, portanto, é dupla: em primeiro lugar, resguardar a sensibilidade das intervenções da liberdade; em segundo lugar, defender a personalidade contra o poder da sensibilidade. A primeira ela realiza pelo cultivo da faculdade sensível; a outra, pelo cultivo da faculdade racional. (SCHILLER, 2002, p. 67-68).

Para Schiller a experiência estética faz convergir emoção e razão, pelas nossas ações culturais, que unificam os elementos dos quais, nos capacita para aprender o mundo a nossa volta. Os dois princípios opostos que se harmonizam na experiência estética, expressa o sentimento, o subjetivo e se exprime de modo espontâneo de um lado e de outro. O autor aponta: “no caso do homem espiritual, a beleza da experiência estética o afasta da forma e o aproxima da matéria para equilibrá-lo”.

Schiller define que a educação pela beleza permite ultrapassar o Estado sensível, acender ao Estado estético. Neste caminho de um estado para o outro a autonomia estética exerce, portanto, um papel fundamental. Graças a ela a liberdade, reconhecida sob propriedade da arte pode estender a outros domínios, como os sociais, morais e políticos. Nesta educação, acreditava Schiller que os gregos tenham podido aproximar dessa perfeição, com iniciação às artes, à pintura, à poesia, à música favorece o desabrochar do indivíduo e provavelmente os aspectos artísticos e filosóficos obtidos na educação grega fizeram o autor optar pela arte como forma de modificação humana.



Schiller demonstrava pelas suas reflexões de uma educação sensível, que esse ensino deve se dar por meio da arte e da prática artística, desde a mais tenra idade. Este contato com a obra de arte e a prática constante artística lhe proporciona uma educação dos sentidos através da consciência.

Segundo Zanella:

A educação estética, neste sentido, apresenta-se como uma das possibilidades de constituir estes novos olhares correspondendo à imperiosa necessidade de acompanhar as mudanças que assistimos e provocamos. Estética porque mobiliza criação. Estética porque pode sensibilizar apropriações da realidade polifacetada, interpretando-a em suas diferentes formas de apreensão. (ZANELLA, 2007, p.13).

O Estado tem o papel de criar condições que permitam o acesso a todos e que a criação artística independente é também um fator de modificação da sociedade. Portanto, como demonstrava Schiller pelas suas reflexões de uma educação sensível, que buscou resgatar a riqueza simbólica da estética e da qual os escritos une o ser humano com o sentido estético e o lúdico, ressaltando que é por meio da beleza que o humano conquista a liberdade e nesta proposta educativa o autor propõe o progresso do indivíduo e da humanidade. Nesta direção, cito aqui Schiller:

[...] tornará contingentes tanto nossa índole formal quanto a material, tanto nossa perfeição quanto nossa felicidade; justamente porque torna *ambas* contingentes, e porque a contingência também desaparece com a necessidade, ele suprime a contingência das duas, levando forma à matéria, e realidade à forma. Na mesma medida em que toma às sensações e aos afetos a influência dinâmica, ele os harmoniza com as ideias da razão, e na medida em que despe as leis da razão de seu constrangimento moral, ele as compatibiliza com o interesse dos sentidos (SCHILLER, 2002, p. 70-71).

Se tal progresso é possível, é porque a natureza humana não se reduz ao antagonismo entre a pulsão sensível e a pulsão formal, entre as sensações e a razão. (JIMENEZ, 1999, p. 158). Consideramos que essa educação deve se dar por meio da arte e da prática artística. Assim, a função pedagógica da educação estética consiste em humanizar o indivíduo por meio da beleza, que harmoniza as próprias faculdades da sua natureza. De acordo com Favaretto, nesta perspectiva moral e política, a cultura estética é componente indispensável para a formação. Como diz Schiller, “é aquilo que deve



conduzir a natureza humana à plenitude de seu desenvolvimento, à conjugação de suas forças sensíveis e racionais, enfim, à união de dignidade moral e felicidade” (SCHILLER, 2002, p. 19). Este contato do indivíduo com a obra de arte e a prática constante artística lhe proporciona uma educação dos sentidos através da consciência.

O que Schiller propõe é uma conexão entre o estético e o político, estabelecendo um sentido na busca da beleza em direção à criação de um novo modelo social. Segundo ele, a beleza precede a liberdade e ao se ter experiência de um problema político, é preciso passar através do estético. Neste ponto de vista, Schiller acredita que pela beleza se alcança a liberdade. Assim, “[...] a reflexão de Schiller concentra-se nas relações entre a esfera estética e a moral – ou, mais precisamente, entre a arte e o gosto, por um lado, e todo o espectro da razão prática, por outro, o que envolve a moral, o direito e a política” (BARBOSA, 2004, p. 08).

Percebemos em Schiller que, para se conquistar um estado de liberdade é preciso formação e conquista de um caráter nobre, belo e isso necessita de um processo educacional estético dos indivíduos, sendo nobre “... toda a forma que imprime o selo da autonomia àquilo que, por natureza, apenas serve (é mero meio). Um espírito nobre não se basta com ser livre; precisa pôr em liberdade tudo o mais à sua volta, mesmo o inerte” (2002, nota, p.111). É através da educação estética que podemos desejar nobremente, propiciando o aprimoramento do gosto. Nesta educação a arte é o componente impulsor indispensável. Destarte, é por meio desse estado de liberdade que a arte é criada. Desta maneira, Schiller aponta que: "A arte é uma filha da liberdade" (SCHILLER, 2002, p.71). Schiller atribui à totalidade de caráter a ideia de belo, que representa um estado de liberdade atingido pelo homem: “É preciso, portanto, encontrar totalidade de caráter no povo, caso este deva ser capaz e digno de trocar o Estado de privação pelo Estado da liberdade” (p.31). O espírito nobre, para ele, tende a proporcionar melhoria política:

Toda melhoria política deve partir do enobrecimento do caráter – mas como o caráter pode enobrecer-se sob a influência de uma constituição estatal bárbara? Para esse fim seria preciso encontrar um instrumento que o Estado



não fornece, e abrir fontes que se conservem limpas e puras apesar de toda a corrupção política [...] este instrumento são as belas-artes; estas fontes nascem em seus modelos imortais (2002, p.47).

Conhecer o sentimento estético implica necessariamente vivê-lo. Segundo Ostrower, “a experiência estética se dá no âmbito da sensibilidade”. Desta maneira, vale ressaltar que o homem livre, sensível e ativo, encontra “no juízo estético, a razão (que) empresta a sua autonomia ao mundo sensível” (Schiller, 2002, p. 17). No juízo estético, na apropriação ativa e consciente do belo, “a cultura, portanto, deve levar à concordância de dignidade e felicidade, tendo que prover a máxima pureza dos dois princípios em sua mistura íntima” (p. 19). Nesta experiência estética além do prazer, da distração, do entretenimento elementos como descobertas existenciais e políticas fazem parte do aprendizado, onde a “arte é condição de humanização porque os sentidos capazes de prazeres humanos se transformam [pela arte] em sentidos que se manifestam como forças do ser humano e são ora desenvolvidos, ora produzidos” (FAVARETTO, 2010, p. 228). Ou seja, fazer e apreciar estéticos para uma reflexão sobre os contextos da sociedade humana, As discussões sobre a necessidade de um ensino de arte com maior ênfase na educação estética tem se ampliado nos últimos tempos, onde surgem questões como: o que podemos fazer quando linguagens, sensações, percepções e afetos, acontecem nas palavras, nas cores, nos sons, nas coisas e nos lugares sejam articulados como dispositivos, como agenciamentos de sentido irreduzíveis ao conceitual, como outro modo de experiência e do saber.

É nesse ponto que podemos considerar o encontro das proposições de Friedrich Schiller com o pensamento de Jacques Rancière. O da investigação de determinado aspecto da realidade que está enquadrado, estereotipado ou formatado pelo senso comum, na tentativa de devolvê-lo à realidade sensível. Esse é um aspecto importante para pensarmos na arte e seu ensino não como uma pedagogia ou explicação do mundo, e sim como uma possibilidade para reconfiguração do mundo sensível (FREITAS, 2012, s/p).



Jacques Rancière filósofo francês contemporâneo vê com novos olhos os fundamentos críticos das relações possíveis entre filosofia, estética, educação e política. Nesse sentido, ao pensar a contemporaneidade, ele nos mostra que não é preciso compreender a estética sob o viés “da captura perversa da política por uma vontade de arte” (p. 16). O autor aponta que é preciso ter em conta que já existe no fundamento da política uma estética primeira, ou seja, um modo de, ao mesmo tempo, dividir e compartilhar a experiência sensível comum. Para o autor, essa estética primeira – a “partilha do sensível” – é uma espécie de forma a priori da subjetividade política, uma distribuição de lugares e ocupações, um modo de visibilidade que “faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce” (p. 16). Além disso, ele tende a ver as próprias práticas artísticas como exemplos da ação e de compartilhar o comum. Desta maneira, segundo Rancière, “a experiência estética é eficaz na medida em que é a experiência daquele indivíduo”. Ela fundamenta a autonomia da arte na medida em que a conecta a esperança de “mudança de vida”. (RANCIÈRE, 2002, p. 03).

Ao redefinir o conceito de estética o autor nos apresenta uma divisão política do sensível, refere-se a uma passagem de um regime de representação, em que se poderia antecipar o efeito de uma obra, a um regime estético da arte, que rompe com o universo representativo hierarquizado e reafirma a arte como espaço capaz de criar, por sua prática, o tecido de novas formas de vida (RANCIERE, 2012).

Dessa forma, afirma-se o estético como um corpo de conhecimento, como uma forma de compreensão das interações entre o campo perceptivo, cognitivo, ético e político que redimensiona e amplia os significados do processo educativo que se articulam em nossas interações com o outro e com as tensões que emanam da dinâmica cultural. A estética, para o autor, não é “a teoria da arte em geral ou uma teoria da arte que remeteria a seus efeitos sobre a sensibilidade” (RANCIERE, 2012, p.13), não se reduz a uma disciplina cujo foco se define pelo julgamento do gosto, mas, sobretudo,

... um regime específico de identificação e pensamento das artes: um modo de articulação entre as maneiras de fazer, formas de visibilidade das



maneiras de fazer e modo de pensabilidade de suas relações, implicando uma determinada ideia de efetividade do pensamento (RANCIÈRE, 2012, p.13).

Esta forma de pensar o campo estético nos leva a um outro termo forjado pelo autor: “partilha do sensível” (RANCIÈRE, 2005, p.07). Originalmente elaborado para definir a relação entre uma ordenação social dos modos de visibilidade, de fazer e de dizer, é um termo ativador dessa dimensão da experiência humana que pode inaugurar novos modos de ver e sentir, e, portanto, se constitui como uma dimensão política.

Trata-se de, concomitantemente, dividir e compartilhar a experiência sensível comum. Para o autor, uma espécie de forma *a priori* da subjetividade política, uma distribuição inquieta de ocupações e lugares, um modo negociado de visibilidade que “faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce” (RANCIÈRE, 2005, p. 15-16).

O que Rancière nos mostra é uma virada ética nas artes em sua tangência com a educação. Uma forma de operar, de articular e incitar as ações educacionais que “intervêm nas relações com as maneiras de ser e formas de visibilidades”, do qual derivam, ao mesmo tempo, um “comum partilhado e partes exclusivas” (RANCIÈRE, 2005, p.15-17).

Nesse sentido, podemos pensar no encontro entre práticas artísticas e as ações educativas como provocadoras de uma relação entre o sujeito e seu lugar no que é comum, que tenciona e ativa os dissensos, e, ao mesmo tempo, contribui para fazer emergir novas formas de subjetivação, de dinamizar o campo político e constituir, por meio de novas relações e significações diversas.

De acordo com Rancière, “inscreve-se no prolongamento do tema schilleriano da educação estética do homem e de todas as formas que os artistas do *Arts and Crafts*, da *Werkbund* da *Bauhaus* têm fornecido a essa ‘educação’: a criação, segundo a



condução da linha, do volume, da cor ou do ornamento, de uma maneira apropriada de habitar coletivamente o mundo sensível”.²

Por meio desta perspectiva a compreensão da estética como um lugar em que se pode encontrar conhecimento, e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de não reprodução das estruturas miméticas de poder que sustentam os processos de aprendizado.

De acordo com Barros,

Eis, em nosso entender, a efetiva tarefa da estética filosófica: desonerar o raciocínio de funções cognitivas fixas, “bitoladas”, presas a um só modo de pensar. Num mundo em que a educação é cada vez mais determinada pelas necessidades mercadológicas, onde a preocupação com a formação autônoma do espírito humano cede terreno à instrução técnica e apressada, tal prática reflexiva pode ser extremamente bem vinda ao ensino médio, na medida mesma em que promove um linguístico-social solidário e desinteressado, preservando as potencialidades intelectuais de suas atribuições atomizadas e fragmentadoras, libertando-as de toda especialização mesquinha e sufocante. (BARROS, 2012, p.09)

As experiências mencionadas e outras descritas em publicações de pesquisadores interessados em discutir a educação estética através de narrativas apontam para a importância de diversificar o ensino dentro de uma discussão mais ampla do que seria uma formação estética mais abrangente ao aproximar os alunos do discurso artístico e dos conceitos que são tomados como estruturadores no pensamento estético. Por isso, a educação pela sensibilidade, propõe que os indivíduos indaguem diante de um impactante quadro ou da escuta de uma delicada peça musical. E que a investigação estético/filosófica possa indicar novas práticas de ensino e dar ensejo a novos interesses, campos imprevistos do saber e desta forma englobar as mais díspares formas de pensar, sentir e falar.

² Jacques Rancière. Les paradoxes de l’art politique, p. 86.



Referências

BARBOSA, Ricardo. *Schiller e a Cultura Estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BARROS, Fernando R. de Moraes. *Estética filosófica para ensino médio*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FAVARETO, Celso, F. A arte contemporânea e educação: *Revista ibero-americana de educación*, n.53, p. 225-235, 2010. Disponível em: <http://www.rieoei.org/rie53a10.pdf>. Acesso em 05/01/2015

FREITAS, Artur. O sensível partilhado: estética e política em Jacques Rancière. *História: Questões & Debates*, Curitiba, n.44, p. 215-220, 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/casa/Downloads/7942-22620-1-PB.pdf>. Acesso em 28/09/2014.

JIMENEZ, Marc. *O que é estética*; tradução Fulvia M. L. Moretto. São Leopoldo: Unisinos, 1999.

OSTROWER, Fayga. *Acasos e a criação artística*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental / Editora 34, 2005.

_____. A revolução estética e seus resultados. *New Left Review* 14, Março-Abril 2002, pp. 133-15, disponível em: <http://newleftreview.org/>. Acesso em 28/09/2013.

_____. Les paradoxes de l'art politique. In: _____. *Le spectateur émancipé*. Paris: La Fabrique, 2008, pp. 56-92.

_____. *O inconsciente estético*; tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2009.

SCHILLER, Friedrich. *Educação estética do homem numa série de cartas*. São Paulo: Iluminuras, 2002.



3er Congreso Latinoamericano
de Filosofía de la Educación



FFYL · UNAM · ALFE

ZANELLA, Andréa Vieira, et al. *Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso*. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007.